



“QUANDO VOCÊ SE OLHA NO ESPELHO, O QUE VOCÊ VÊ?”: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

“WHEN YOU LOOK INTO THE MIRROR, WHAT DO YOU SEE?”: THE QUILOMBOLA IDENTITY CONSTRUCTION

Micheli Oliveira Fraga dos Santos 1

Érico da Silva França 2


José Francisco dos Santos 3

Resumo: A identidade é uma construção histórica e social que perpassa a interação do subjetivo com o meio social. Uma pessoa pode ter múltiplas identidades que se relacionam entre si e convergem. Em comunidades quilombolas, a construção da identidade feminina é singular, pois perpassa os efeitos do racismo, da globalização, do patriarcado, da cultura local e de um projeto subjetivo de futuro. O objetivo central desta pesquisa é investigar o processo de construção identitária das meninas quilombolas da Escola Municipal Araçá-Cariacá. Metodologicamente, foram desenvolvidas seis entrevistas semiestruturadas com estudantes do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II. Constatou-se que a construção das identidades das meninas perpassa pelas relações sociais que elas estabelecem com a comunidade em que residem. Conclui-se que, apesar dos processos violentos que as estudantes sofrem dentro e fora do espaço escolar proporcionados pelo racismo, elas se apropriam desses discursos para atribuir novos sentidos e promover a transformação.

Palavras-chave: Construção Identitária. Escola Municipal Araçá-Cariacá. Meninas. Quilombolas.

Abstract: Identity is a historical and social construction that permeates the interaction of the subjective with the social environment. A person can have multiple identities that relate and converge to each other. In quilombola communities, the female identity construction is unique, as it permeates the effects of racism, globalization, patriarchy, local culture, and a subjective project for the future. This research main aim is to investigate the process of identity construction of quilombola girls at Araçá-Cariacá Municipal School. As a methodological support, there were conducted six semi-structured interviews with elementary school students from 8th and 9th grade. It was evident that the girls' identity construction is permeated by the social relationships they establish with the community in which they reside. In conclusion, despite the violence being provided by racism against students inside or outside school, these girls appropriate this kind of discourse to convert it into new meanings and to promote change.

Keywords: Identity Construction. Araçá-Cariacá Municipal School. Girls. Quilombolas.

-
- 1 Mestranda em Ensino (pela UFOB). Especialista em Educação do Campo (pelo IF Baiano). Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (pela UNEB). Atualmente é Pesquisadora Bolsista Mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6171874323480400>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4060-4103>. E-mail: micheli.s0769@ufob.edu.br
 - 2 Doutorando em Difusão do Conhecimento (pela UFBA). Mestre em Crítica Cultural (pela UNEB). Graduado em Licenciatura Plena em História (pela UNEB). Atualmente é professor Permanente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) - Campus Bom Jesus da Lapa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2383533151501040>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5129-3155>. E-mail: erico.franca@ifbaiano.edu.br
 - 3 Doutor em História (pela PUC-SP). Mestre em História (pela PUC/SP). Graduado em História (pela UNESP). Atualmente é docente Adjunto, padrão II, nível C da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2746256151454516>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9247-5585>. E-mail: jose.santos@ufob.edu.br
- 

“Lute como uma Garota”: Primeiras Considerações

Esse negro que marca o feminismo [...] é uma maneira de mostrar que são mulheres negras que estão pensando a sociedade, não é necessariamente pensando só nas mulheres negras (Djamila Ribeiro)

A história da construção da sociedade brasileira, assim como a da maioria dos povos colonizados e descendentes da prática de escravização da população negra, é contada sob duas óticas diferentes: a da branquitude e a da negritude. No Brasil, a ótica da branquitude se estabeleceu no imaginário social por intermédio do uso da academia e da ciência, a partir do mito da “democracia racial”, termo criado por Gilberto Freyre para comparar as relações entre brancos e negros no Brasil e nos Estados Unidos. Ambos os países sofrem com um Estado racista. Todavia, a disseminação e a apresentação das ações racistas ocorrem de maneiras distintas: enquanto, nos Estados Unidos, a divisão racial é gritante e visível, no Brasil, o racismo é silencioso e cancerígeno. No Estado estadunidense, a crueldade e a brutalidade do racismo é a maior fraqueza. No entanto, no Estado brasileiro, a sutileza e a flexibilidade do racismo constituem a maior força (ANDREWS, 1985).

Praticamente oitenta e seis anos após a primeira publicação do livro “Casa-Grande & Senzala”, de 1933, a ideologia de Freyre ainda perpetua o imaginário popular brasileiro e mundial sobre a nação que somos. Esse ideal é fortificado pelo Estado brasileiro, que ceifa a vida da população negra periférica pela falta de assistência básica para que haja a possibilidade de ter uma vida de qualidade, além de manter um aparato policial genocida. Mesmo com o fortalecimento intelectual da população negra e a busca por espaços de fala em locais de poder, ainda é comum, em espaços de socialização e em redes sociais, visualizarmos alguns comentários, tais como: “o Brasil seria mais lindo se não houvesse frescura com piadas racistas, mas já que é proibido, a única solução é exterminar os negros”; “gosto muito de negros, tenho amigos negros e tais. Só fico triste por pararem de vender”; “se a princesa Isabel não tivesse abolido a escravidão eu poderia ter um escravo lavando louça pra mim”¹. A partir disso, perguntamo-nos: onde está a democracia racial?

Como matriz estruturante da sociedade brasileira, o racismo, enquanto uma prática social dominante, mantém ideologicamente os privilégios da população branca, enquanto nega a cidadania à população negra (NOGUEIRA, 2017). Isso possibilita não somente a escravização dos corpos negros (assim como dos indígenas), mas também mais de 300 anos de legado da subjugação da população negra no país. Mesmo após a abolição da escravidão estabelecida pela Lei Áurea, materializada pela Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888, a liberdade dos negros não garantiu o direito a igualdade, pois esse direito era exclusividade dos brancos (SCHWARCZ, 2012). Assim, a população negra, no decorrer da própria história no Brasil, torna-se doravante marginal, o que é inevitável pela força do progresso capitalista (AZEVEDO, 2004). A falta de inserção social, de direitos, de constituições, de participação eleitoral e de empregos com salários justos foram alguns dos malefícios que o capitalismo proporcionou à população negra naquela época e que proporcionam efeitos negativos até a atualidade.

É nessa perspectiva de formação social que tem o racismo como prática estruturante que as identidades são construídas e reconstruídas. A construção de uma identidade dialoga diretamente com as produções históricas, geográficas, biológicas. Não só, mas também abrange as estruturas de produção e de reprodução da vida humana, a memória coletiva e os fantasmas pessoais, além dos aparelhos de poder, as revelações religiosas e as manifestações culturais (MUNANGA, 2005).

Dentre as recentes conquistas dos movimentos negros que buscam a reparação histórica de todos os direitos que foram negados pelas práticas escravocratas e pelo racismo, em 2003, foi sancionada a Lei nº 10.639/2003, que sustenta que é obrigatório o ensino de História Afro-Brasileira, com o intuito de valorizar o povo negro e as contribuições dele para a formação do

1 Os exemplos foram retirados e expostos na íntegra, não dispondo da norma-padrão da língua portuguesa. Desse modo, alguns nomes, como “Brasil” e “Isabel”, foram redigidos incorretamente. Acreditamos que preservar os exemplos na íntegra possibilita compreender o período histórico que estamos vivendo, em que o uso das redes sociais não requer o uso da norma-padrão para a comunicação, embora seja indispensável o aprendizado a todos os cidadãos.

país e dos indivíduos que nele vivem (BRASIL, 2003). Todavia, ainda é comum encontrar em livros didáticos (material ainda predominante e que, de apoio, torna-se orientador) a referência aos negros somente nos períodos escravocratas da história do mundo, explicitando somente os lugares de subalternidade os quais eles foram obrigados a ocupar.

Em comunidades quilombolas, a proximidade dos moradores com a terra, a agricultura familiar e a pecuária estabelecem alguns sentimentos e atitudes, como a valorização do trabalho com a terra, e um tipo de perspectiva de vida adulta diferenciada das propostas encontradas em locais urbanos e frequentemente valorizadas nos livros didáticos. A distância entre os saberes cotidianos e culturais e os saberes escolares causam problemáticas e podem proporcionar uma falta de identificação das crianças e das/dos adolescentes com a instituição escolar ou com a perspectiva de vida que sonham em construir, a qual se difere da vida proporcionada na comunidade. Em consequência disso, questionamo-nos: como ocorre a construção identitária das meninas que são oriundas das comunidades quilombolas? Como as instituições escolares contribuem para a construção de identidade?

Compreendendo a instituição escolar como um espaço de diálogo entre os diferentes saberes (FREIRE, 1996) e, principalmente, como um importante marco de luta e resistência das comunidades camponesas, e entendendo o feminismo negro com um processo em que as mulheres pensam o mundo e as questões que as envolvem como um paradigma de luta, este estudo se justifica por possibilitar uma reflexão acerca da construção identitária de meninas negras que residem em comunidades quilombolas e dialogam diretamente com a sociedade globalizada e a estrutura racista, patriarcal, machista, sexista, gordofobia e homofóbica.

A partir das problemáticas de segregação exibidas, a pergunta que orienta o desenvolvimento desta pesquisa é a seguinte: como ocorre a construção identitária das meninas quilombolas na Escola Municipal Araçá-Cariacá? Para tanto, como objetivo primário, pretendemos investigar o processo de construção identitária das meninas quilombolas na Escola Municipal Araçá-Cariacá. Como objetivos secundários, estabelecemos: identificar a importância das relações sociais para a construção das identidades; analisar as influências da cultura globalizada nas concepções das participantes sobre si mesmas; e propor ações pedagógicas para o fortalecimento da identidade quilombola feminina.

Territorialidade: As demarcações metodológicas da pesquisa

O homo academicus gosta do acabado. Como os pintores acadêmicos, ele faz desaparecer de seus trabalhos os vestígios da pincelada, os toques e os retoques: foi com certa ansiedade que descobri que pintores como Couture, o mestre Monet, tinham deixado esboços magníficos, muito próximos da pintura impressionista – que se fez contra eles – e tinham muitas vezes estragado obras julgando dar-lhes os últimos retoques, exigidos pela moral do trabalho bem feito, bem acabado, de que a estética acadêmica era a expressão. Tentarei apresentar estas pesquisas na sua grande confusão: dentro de certos limites, é claro, pois sei que, socialmente, não tenho tanto direito à confusão como vocês [...] (BOURDIEU, 1989, p. 19).

De acordo com a perspectiva de Bourdieu (1989), esta seção objetiva apresentar os caminhos traçados durante o desenrolar da pesquisa. Antes de exibi-los, gostaríamos de salientar a necessidade de mudança e adequação em decorrência da pandemia instaurada no Brasil e no mundo em 2020, a partir da circulação do coronavírus². O vírus, que, até o presente momento (agosto de 2020), não possui vacina ou cura, acarreta uma série de medidas preventivas para a diminuição e controle das taxas de contágio. Segundo o Ministério da Saúde (COMO?, 2021), a transmissão da Covid-19 ocorre principalmente por partículas lançadas quando uma pessoa

² Até o dia 14 de novembro de 2020, o coronavírus havia gerado 1.303.293 de mortes no mundo e 164.855 no Brasil.

infectada tosse, espirra ou fala. Assim, evitar aglomerações e desenvolver práticas de higiene mais cautelosas diminuem as possibilidades de contaminação, sendo as saídas mais viáveis para a manutenção da vida até a vacina ser desenvolvida e aplicada em larga escala.

Esta pesquisa tinha sido projetada, inicialmente, com o caráter de pesquisa-ação e definida com a realização de encontros presenciais na instituição de ensino-pesquisa. Os instrumentos que seriam usados para a construção dos dados com as participantes das entrevistas semiestruturadas e das cinco oficinas formativas, findando em uma produção audiovisual, tiveram um redirecionamento no que diz respeito aos objetivos e, conseqüentemente, às bases metodológicas.

Para a reorganização do trabalho, optamos por desenvolver uma pesquisa exploratória quanto aos objetivos e abordagem qualitativa em relação à finalidade, o que constitui um estudo de caso no que diz respeito aos procedimentos técnicos. A pesquisa exploratória tem como objetivo explicitar a problemática da pesquisa. Essa tipologia pode envolver diferentes instrumentos de construção de dados, para que haja a possibilidade de expor o problema pesquisado. Comumente, assume-se a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso (GIL, 2008).

Com base na finalidade da pesquisa, optamos pela classificação da pesquisa de aplicação, que gera conhecimentos a serem utilizados a posteriori, em algum ambiente que abrange as teorias relativas às necessidades humanas. Segundo Thiollent (2009), a pesquisa aplicada tem, como foco, os problemas voltados às atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais. Ela se empenha na construção de diagnósticos, na identificação de problemas e na busca por soluções, gerando o retorno das demandas formuladas.

As características presentes na pesquisa exploratória e na pesquisa de aplicação se entrelaçam com os objetivos propostos, uma vez que nos permitem conhecer as problemáticas e buscar soluções que podem, ou não, ser aplicadas por nós ou pelos demais pesquisadores em outros momentos na realidade pesquisada. Para o alcance das demarcações propostas por essas pesquisas, optamos pela realização de uma pesquisa de campo, tendo em vista os cenários sociais que se apresentaram.

“Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador” (SEVERINO, 2007, p. 123). Assim, a pesquisa de campo permitiu maior acesso aos fenômenos que foram objetos de estudo e a ampliação das possibilidades sobre o tema, fazendo-se indispensável o uso à luz da teoria.

Para a construção dos dados e em decorrência das imposições presenciais, desenvolvemos entrevistas semiestruturadas por meio de duas plataformas de comunicação digital: o WhatsApp³ e o Instagram⁴. A escolha pelas entrevistas semiestruturadas se deu pela possibilidade desenvolver questionamentos básicos apoiados em teorias relacionadas à temática da pesquisa. Isso permite não somente a descrição dos fenômenos sociais encontrados, mas também o encontro das possíveis explicações e a compreensão da totalidade (TRIVINÓS, 1987).

As entrevistas foram feitas mediante um roteiro prévio que continha 26 perguntas. Para alguns participantes, foram realizadas mais perguntas, em decorrência das respostas apresentadas. As questões foram divididas em cinco blocos:

- Bloco I - Identificação.
- Bloco II - Identidade pessoal.
- Bloco III - Identidade coletiva negra.
- Bloco IV - A escola.
- Bloco V - A comunidade.

Além disso, as perguntas foram feitas em datas diferentes e com seis estudantes da Escola Municipal Araçá-Cariacá, pertencentes às turmas do 8º e 9º ano. Quatro dessas entrevistas foram realizadas por chamada de áudio e uma por mensagem de texto via *WhatsApp*. Já a última entrevista

3 Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones via Internet. Foi lançado em 2009 pela empresa WhatsApp Inc. Atualmente, é regido pela Facebook Inc. de forma gratuita.

4 Software de rede social on-line. Foi lançado em 2010, com a finalidade de compartilhar fotos e vídeos entre os usuários. Atualmente, é propriedade da Facebook Inc. e fornecido de forma gratuita.

foi desenvolvida via Instagram, no bate-papo, popularmente conhecido como direct. As estudantes entrevistadas estudam no turno vespertino e têm idades entre 13 e 16 anos. Cinco residem na comunidade quilombola Araçá-Cariacá, localizada em Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e uma reside na comunidade Bebedouro, também situada em Bom Jesus da Lapa, na Bahia.

Para preservar a identidade das participantes da pesquisa, foi entregue aos responsáveis o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) com todas as informações pertencentes à pesquisa. Além do mais, antes da realização das entrevistas, todas as participantes foram informadas que poderiam, a qualquer momento, desistir da participação ou não responder a qualquer pergunta, caso não se sentissem confortáveis. Tomamos a liberdade de pedir para que cada uma delas escolhessem o nome de uma mulher negra de representatividade. O nome escolhido seria o pseudônimo da entrevistada na pesquisa. Dentre as seis participantes, uma escolheu o pseudônimo “Rihanna”. As demais não sinalizaram nenhum nome e pediram para que ele fosse escolhido por outra pessoa. Desse modo, foram delimitados os nomes de três intelectuais e duas cantoras que têm bastante representatividade. São elas: Angela Davis, Sueli Carneiro, bell hooks, Beyoncé e Iza.

O lócus desta pesquisa foi a instituição escolar da comunidade Aracá-Cariacá, que teve início em 1983, a partir da atual diretora da escola, Maria Benes, que, aos quinze anos de idade, foi convidada pelos moradores a instruir os outros com o aprendizado que tinha adquirido, ao cursar até a antiga quinta série (atual sexto ano do Ensino Fundamental) na Escola Padre Francisco, localizada no centro de Bom Jesus da Lapa, na Bahia. Diante disso, em uma casa de pau a pique próxima à beira do rio, isolada das demais, Maria Benes foi encarregada de ensinar os mais novos. Foi somente em 2014, depois de muitas mudanças, que a escola obteve o atual prédio que carrega o nome da comunidade.

A Escola Municipal Araçá-Cariacá tem, no espaço físico, seis salas de aula, uma diretoria, uma sala dos professores, uma cantina, uma sala de leitura, um banheiro masculino e um feminino, e um pátio grande. No fundo da escola, há um espaço para o minicampo de futebol e uma horta criada e mantida pelos alunos e professores do projeto “Mais Educação” da Prefeitura de Bom Jesus da Lapa, que, em 2020, não entrou em vigência. A escola trabalha em dois turnos: o período matutino, que é destinado aos alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e o turno vespertino, que é voltado aos discentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Após a construção dos dados em conjunto com as participantes, inspiramo-nos no modelo analítico desenvolvido por Hall (2003) no estudo da “Teoria da Recepção”. Segundo o autor, há uma complexa estrutura de significados nos processos comunicativos, os quais são produzidos em momentos distintos, porém, interligados. São eles: a produção-codificação/ “leitura preferencial”; a distribuição/circulação da mensagem; e a decodificação/consumo (HALL, 2003).

Para Hall (2003), nenhum discurso produzido é desenvolvido a partir de um marco zero. A produção é proveniente de “definições da situação de outras fontes e outras formações discursivas dentro da estrutura sociocultural e política mais ampla da qual são uma parte diferenciada” (HALL, 2003, p. 389). Em relação ao contexto da pesquisa, compreendemos que os significados das mensagens produzidas não são fixos, mas multirreferenciais. Embora, no processo comunicativo, alguns signos sejam compartilhados por um determinado grupo social, o mesmo evento pode ser codificado (narrado) e decodificado de maneiras distintas, tendo em vista os diversos referenciais de sentidos que fazem parte da comunicação humana.

Quando você se olha no espelho, o que você vê?

De acordo com Freire (1996, p. 53), o “reconhecimento da impossibilidade de minha ausência” acontece “na construção da própria presença”. Dessa maneira, as identidades sociais são construídas e caracterizadas com base nas relações de força entre a sociedade e os sujeitos. É possível distinguir três formas de origem das identidades: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade-projeto (MUNANGA, 2005). Cada uma delas é construída a partir do contexto em que o sujeito está inserido, em um diálogo constante entre a subjetividade desse indivíduo e o meio que o cerca.

A identidade legitimadora é construída pelas instituições dominantes, que têm a intenção

de promover a manutenção da dominação sobre os atores sociais. Já a identidade de resistência é desenvolvida pelos sujeitos que, por alguma razão social, encontram-se em posição ou condição de desvalorização ou marginalização pela lógica dominante. Por fim, a identidade-projeto é produzida quando os atores sociais que perpassam pela lógica de marginalização a partir da dominação constroem, mediante a base cultural, uma nova identidade, que reconstrói a posição deles na sociedade. Ela gera, como consequência, a possibilidade de transformar o conjunto da estrutura social (MUNANGA, 2005).

“A dinâmica das identidades no decorrer desta cadeia mostra suficientemente como, do ponto de vista da teoria sócio-antropológica, nenhuma dela pode ser uma essência, ou ter um valor progressivo ou regressivo em si fora do contexto histórico” (MUNANGA, 2005, p. 4). Para a grande maioria da população negra, a identidade de resistência é a primeira a ser construída. No decorrer do percurso das historicidades individuais, há a possibilidade de ela ser transformada em identidade-projeto, com base no material cultural à disposição.

Além dos processos externos ao sujeito, a construção da identidade envolve instâncias dinâmicas e dialógicas do desenvolvimento do eu (selfie). Esse processo é contínuo e se relaciona com as formas pelas quais a identidade é representada nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1999). As identidades são construções históricas e sociais, e não biológicas, em que os sujeitos assumem diferentes identidades (de gênero, classe social, política, cultural, étnica e outras) em vários momentos da trajetória pessoal. Elas se unificam ao redor de um “eu” coerente⁵.

Assim, durante a realização da pesquisa, as primeiras questões que envolveram as meninas circularam ao redor dessa identidade subjetiva. Antes da apresentação das discussões propiciadas pelas entrevistas, alguns elementos são importantes para a compreensão das análises desenvolvidas: trata-se dos contextos de realização das entrevistas. As participantes Angela Davis, Sueli Carneiro, bell hooks e Beyoncé realizaram entrevistas via áudio e com a presença de algum familiar no recinto.

Angela Davis teve a participação da irmã caçula de quatro anos. A criança se manifestou durante o decorrer da entrevista, ao rir, chamar pela irmã e questionar alguma fala. Sueli Carneiro e Beyoncé também tiveram a presença das irmãs nas entrevistas, mas eram as mais velhas, ambas adultas. A irmã de Sueli esboçou várias reações no decorrer da entrevista, enquanto a irmã de Beyoncé não se pronunciou. Por sua vez, bell hooks teve a participação da irmã e da mãe durante o desenvolvimento da entrevista. Em alguns momentos, bell hooks perguntou aos familiares quais respostas deveria dar. Além disso, a mãe e a irmã participaram da entrevista, ao darem palpites e ao encorajarem as respostas. Salientamos que, em nenhum momento, durante a realização das entrevistas, pedimos para que os familiares não se manifestassem, já que acreditamos que as intervenções são importantes para a análise das reações das participantes.

Iza e Rihanna optaram por desenvolver as entrevistas de forma escrita, por meio de mensagens em duas redes sociais: uma utilizou o WhatsApp, enquanto a outra fez uso do direct do Instagram. Percebemos que essas participantes tiveram falas mais extensas e amplas, possivelmente, por se sentirem mais à vontade para responder as questões que constituíam a entrevista. Contudo, as entrevistas tiveram um prolongamento de dias em decorrência dos horários, os quais não eram os mesmos da entrevistadora. Assim, duraram em torno de três dias, enquanto as entrevistas feitas por áudio se encerraram no mesmo dia em que se iniciaram.

Iniciamos a entrevista perguntando: como você se descreveria? As participantes nos deram descrições muito pessoais por intermédio de adjetivos. A seguir, é exposta a descrição realizada por Rihanna:

Bom, eu sou muito paciente, tento ser sempre educada com as pessoas, sou bem carinhosa. Tento sempre manter minha ética e valores tradicionais e também sempre tento dar o melhor de mim nas coisas que faço.

Já Sueli Carneiro teve uma série de reflexões internas e rápidas, ao tentar responder à pergunta:

5 ibid.

Hum... como assim? [Entrevistadora explicou a pergunta e a refez com outras palavras]. Não sei... é que é difícil você mesmo se descrever... eu me descrever... hum... eu sou legal, atentada⁶, só.

A dificuldade em se descrever é uma constante na maioria das pessoas, porque raramente desenvolvemos o processo de reflexão sobre nós mesmos. A descrição das características de si próprio não representa apenas a busca pela descrição de uma identidade, mas também faz parte de um processo mutável ao longo da vivência. Dentro de cada sujeito, há identidades contraditórias que se movimentam em diferentes direções, de forma que as identificações pessoais de cada um são continuamente deslocadas (HALL, 1999). Uma das participantes pediu para desconsiderar a pergunta, tendo em vista que não sabia ao certo o que dizer. Percebemos que nenhuma das participantes, ao se descrever, usou as identidades de gênero, etnia, classe social, política ou algo similar.

Em seguida, questionamos: quando você se olha no espelho, o que você vê? Quando realizamos essa pergunta, percebemos que todas as participantes demoraram um pouco para responder. Mesmo aquelas que optaram por digitar as respostas ficaram com o status “digitando” nos chats. Isso nos leva a entender que estavam pensando ou refazendo as respostas. Angela Davis informou:

[Silêncio por alguns instantes]. Uma menina que... já sofreu muito com a vida e que pensa no futuro.

Depois da fala de Angela Davis, refletimos: a que tipo de sofrimento ela se refere? Será que são aspectos ligados à estrutura social, à subjetividade da própria participante e/ou às relações sociais? Além disso, observamos aspectos de superação na fala da participante, ao dizer que “pensa no futuro”: qual é o futuro ela vislumbra?

Sueli Carneiro, por sua vez:

[Começou a rir]. Vejo uma menina meiga, quilombola, é só... [Entrevistadora questionou: e você gosta do que vê quando se olha no espelho?]. Gosto.

Sueli Carneiro foi a primeira a utilizar o termo “quilombola” para se descrever. Aparentemente, ela o usou de forma positiva. O complemento da pergunta feita pela pesquisadora está relacionado ao perfil da participante ao realizar a entrevista, que, inicialmente, mostrou-se retraída a participar e teve o incentivo da irmã como fator principal para aceitar o convite. bell hooks salientou que:

Eu? [Deu risada ao final, dando a entender que o que ela via no espelho era o reflexo de si mesma. Assim, a pesquisadora refez a pergunta]. Eu vejo uma menina linda.

Beyoncé se mostrou bastante reflexiva ao nos dizer que:

[Riu]. Uma pessoa... é, é bonita.

No decorrer das quatro falas, constatamos que as reflexões sobre as próprias participantes se mantiveram no subjetivo e, apesar de a fala de Angela Davis trazer aspectos negativos sobre essas reflexões, ao apontar sofrimentos, as demais se voltam à maneira como elas se veem, o que, aparentemente, acontece de forma positiva. Não são perceptíveis traços explícitos de imposições sociais que interferem diretamente na construção da imagem das quatro participantes, o que se mostra diferente na fala de Iza.

⁶ No decorrer das entrevistas, os termos “atentada”, “bruta” e “ignorante” fizeram parte de quatro das seis falas das entrevistadas. Esses termos, geralmente, promulgados pela sociedade machista para limitar a expressão das mulheres, fazem-nos questionar: o que as entrevistadas tentam expor quando se descrevem dessa forma?

Tipo, eu me acho linda, mas, às vezes, me sinto um lixo. [Entrevistadora complementa: por quê?]. Porque as pessoas me zoam pela cor da minha pele.

No discurso de Iza, são evidentes os elementos da organização estrutural racista brasileira. Eles promovem efeitos explícitos na construção identitária da participante. O racismo é uma organização sistemática de discriminação dos sujeitos que têm o conceito de raça social como fundamento estruturante. Ele se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que garantem privilégios a alguns e desvantagens a outros, dependendo do grupo racial a que eles pertencem (ALMEIDA, 2018).

No Brasil, o racismo é um elemento estrutural da sociedade, dado que se mantém presente em todos os espaços. Ele deixa os negros em posição subalterna, ora por ausência dos direitos (violência estrutural), ora por suposta incapacidade ou incivilidade (violência cultural). Em vários casos, essa posição também é imposta pela violência policial (força institucional) (ALMEIDA, 2018).

Em diálogo com os conceitos de raça, etnia e racismo, o preconceito racial, a discriminação e a segregação são produtos que expressam o racismo e geram diferentes graus de violência. O preconceito é, dentre as expressões do racismo, a mais frequente, porque envolve um sentimento ou um ideal de visão congelada, estereotipada das características individuais e coletivas que correspondem aos valores negativos do ser negro (LIMA, 2008).

Apesar de, no Brasil, o racismo se apresentar de maneira silenciosa e sistemática, ele é visível em “brincadeiras” como essas, tendo em vista que é apontado na fala da Iza. A “zoação” (bullying) tem, nas relações étnico-raciais, uma base extremamente grande para violentar simbolicamente os sujeitos da população negra. Na Internet, é possível encontrar várias “zoações” que envolvem as questões étnico-raciais. Elas são, em sua maioria, desenvolvidas por comediantes brancos.

Nesse contexto, a mídia e os personagens carregam um papel importante enquanto produtores de discursos e de padrões sociais a serem seguidos. Em consequência dos sentidos impostos por meio de falas repetitivas, são utilizados alguns termos, tais como “segundo dados científicos”. Além disso, há personalidades que demonstram seriedade, para que possam propagar verdades consideradas absolutas apenas no senso comum (GUARESHI et al., 2002). Quando sujeitos midiáticos produzem discursos discriminatórios com a utilização de alguns termos, como “zoação”, “piada” e “brincadeira”, para justificar as ações, eles não apenas justificam socialmente os crimes cometidos, mas também produzem, no imaginário social, que, desde que seja “zoação”, é permitido.

Rihanna, ao responder à questão: “quando você se olha no espelho, o que você vê?”, realizou uma declaração mais extensa e complexa. Assim, a entrevistadora fez outras perguntas vinculadas à primeira, para tentar compreender os aspectos presentes no discurso dela.

Uma menina, às vezes, bem vaidosa, mas que nem sempre se acha bonita, [...] que se importa muito com a opinião dos outros sobre sua aparência e que, às vezes, não gosta muito do seu próprio corpo. [Entrevistadora: por que às vezes você não gosta do seu próprio corpo?]. Ele não é como eu queria. Às vezes, acho que minha barriga está muito grande ou que tenho pouca bunda e eu tenho um pouco de insegurança com minhas estrias. [Entrevistadora: você sabe dizer de onde vem as suas inseguranças?]. Acho que como sempre vejo outras meninas bonitas, com um corpo bonito, isso me faz sentir um pouco insegura sobre meu corpo. [Entrevistadora: onde você vê essas outras meninas bonitas com um corpo bonito?]. No Instagram e Facebook. [Entrevistadora: e como faz quando se sente insegura se comparando a elas?]. Às vezes, me arrumo, coloco uma roupa bonita e vou me maquiar. [Entrevistadora: e nas outras vezes?]. Eu só fico um pouco triste, mas depois passa.

Munanga (2005) argumenta que a identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou pela má percepção que os outros têm dela. Assim, quando uma pessoa sofre algum tipo de prejuízo ou deformação real, a sociedade que a rodeia pode apresentar uma imagem limitada, depreciativa ou desprezível dela mesma.

Em sociedades construídas a partir do patriarcado, mulheres interiorizam uma imagem de inferioridade contra elas e que forja a opressão desse sistema. Isso as influenciam de maneira que, mesmo que alguns obstáculos sejam superados, elas ainda se sentem incapazes de tirar proveito de novas possibilidades e desenvolvem um tipo de condenação, o que gera baixa autoestima (MUNANGA, 2005).

O padrão de beleza ideal e a competição entre mulheres e corpos são circunstâncias proporcionadas pelo sistema capitalista e pela sociedade machista, que alimentam diariamente a rivalidade entre mulheres e a busca pela superação de uma em relação à outra. Ao se comparar com outras mulheres e não encontrar em si o padrão ideal vendido por essa sociedade, há, como retrato, a tristeza retratada por Rihanna, isto é, a condenação pelo próprio corpo e a não aceitação de si.

Na sequência, foi questionado às participantes do que elas gostavam. As respostas variaram entre comer, estudar, mexer no celular, permanecer com a família e os amigos, dançar e jogar Free Fire⁷. Ao final das respostas, perguntamos se elas acreditam que as coisas que elas gostam influenciam a vida delas e de que maneira isso se daria. Beyoncé, que tinha sustentado que gostava de estudar e de jogar Free Fire, explicou que:

Sim [deu ênfase]. Tipo, Free Fire, eu jogo só por diversão, mas o estudo é para um dia eu me formar [concluir o Ensino Médio], fazer uma faculdade e ter uma profissão.

A explicação posterior ao motivo pelo qual Beyoncé gosta de jogar Free Fire nos dá a entender que, para ela, é importante justificar o gosto por um jogo de assassinos, cujo objetivo principal é ser o único sobrevivente. O jogo tem um hall de armamentos, estratégias de assalto, suprimentos e outros itens. Encontrado na Play Store, normalmente, na categoria “jogos masculinos”, o Free Fire é um jogo violento e não se enquadra no ideal de jogos para garotas. No entanto, é totalmente aceito e vinculado à categoria masculina, uma vez que há rentabilidade. Existe até o Campeonato Brasileiro de Free Fire, em que todas as equipes participantes são compostas por jogadores do gênero masculino.

Angela Davis, ao ser questionada sobre a influência dos gostos pessoais nas próprias ações, retratou o seguinte:

Algumas coisas sim. [Ficou alguns segundos em silêncio]. [Entrevistadora: de que maneira?]. [Alguns segundos a mais em silêncio]. Algumas amigas me atrapalham... já me atrapalhou muito, mas muitos me influenciam, inclusive, você [referindo-se à pesquisadora], de forma boa.

Ao retratar o aspecto evidenciado, é explicitada a importância das relações sociais para a construção identitária. Assim, a identidade se revela enquanto um processo de construção de significado na coletividade com base em um atributo cultural ou em um conjunto de atributos culturais que se interrelacionam e alguns se sobressaem aos outros (CASTELLS, 2008). A construção do significado a partir da coletividade é demonstrada novamente, quando perguntamos às entrevistadas quais eram os maiores sonhos delas. As respostas são exibidas a seguir:

Ser uma chefe de gastronomia (Angela Davis).

Ser policial (Sueli Carneiro).

⁷ Garena Free Fire é um jogo eletrônico mobile da categoria “ação-aventura” do gênero “battle royale”. Ele foi desenvolvido pela 111dots Studio e publicado pela Garena. O jogo se resume à criação de um personagem que desenvolve estratégias para abater (matar) os oponentes.

Ficar com as pessoas que eu mais amo (bell hooks).

[Riu]. Ser modelo (Beyoncé).

Meu sonho é fazer uma faculdade de Medicina Veterinária (Iza).

Me tornar veterinária e ter um bom futuro (Rihanna).

O ideal de educação enquanto perspectiva que muda a vida das pessoas a partir do acesso ao ensino superior ou técnico especializado esteve presente em cinco das seis falas. Assim como salienta Paulo Freire (1987), a educação não muda o mundo, ela muda pessoas e as pessoas mudam o mundo. É nisso que as meninas acreditam.

Quando você se descobriu negra?

Descobrir-se negra é um processo que, na maioria dos casos práticos da sociedade brasileira, perpassa pelo racismo. A seguir, são expostos os versos de Victória Santa Cruz (1960, s/p) traduzido e publicado em português pela Universidade Livre Feminista (s/d) em “Me gritaram negra”:

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
E me senti negra,
Negra!
Como eles diziam
Negra!
E retrocedi
Negra!
Como eles queriam
Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenas minha carne tostada
E retrocedi
[...].

O poema de Victória Santa Cruz retrata a singularidade de se descobrir negra em meio à sociedade. Quanto maior for a quantidade de melanina na pele, mais cedo esse processo será escancarado às crianças negras.

Diante disso, questionamos às meninas: você se considera negra? Quando você se descobriu negra? Todas afirmaram que se consideram negras com um singular e sem demora “sim”. Entretanto, ao serem perguntadas quando se descobriram negras, três pediram para não que não respondessem à pergunta. As respostas das outras três foram:

[Pensou por alguns instantes]. Não sei (Angela Davis).

Eu me descobri negra, quando eu comecei a estudar história sobre Consciência Negra (Beyoncé).

Me descobri negra desde bem pequena (Rihanna).

Nas falas das entrevistadas, não há retratos explícitos de descoberta a partir das atitudes racistas da sociedade. Assim, questionamos: alguém já te chamou de negra? Como você se sentiu? As respostas variaram entre “sim” e “não”:

Já. Eu senti orgulho de ser quem eu sou (Angela Davis).

Já. Especial... só isso? (Sueli Carneiro).

Não (bell hooks).

[Silêncio]. Eu? [Referindo-se ao fato de ela mesma se chamar dessa forma]. De resto, acho que não. Eu me senti feliz. Sempre me achei negra (Beyoncé).

Não, mas já chamaram algumas amigas minhas. [Entrevistadora: e como foi? O que você sentiu ao ouvir?]. Eu fiquei com raiva. [Entrevistadora: por quê?]. Por eu escutar aquelas ofensas e não poder falar nada (Iza).

Acho que sim. Bem, me orgulho de ser negra (Rihanna).

Iza, que informou que nunca foi diretamente chamada de negra, foi a mesma que, para responder o que via quando se olhava no espelho, disse que se sentia mal por “zoarem” o tom de pele dela. Assim, questionamo-nos: como a sociedade tem a possibilidade de criar formas de violência de uma criança em relação à outra? Em todas as falas das meninas que afirmaram já terem sido chamadas de negras, não é encontrada a presença de efeitos negativos.

Posteriormente, perguntamos às entrevistadas: para você, o que é ser uma pessoa negra? Duas entrevistadas pediram para não responder à pergunta. Todavia, as outras quatro participantes expuseram uma reflexão muito particular sobre o que elas compreendem sobre ser negra. Os destaques nas falas foram feitos por nós.

Que gosta do seu jeito de ser, que se ama da forma que é e é isso (Angela Davis).

A pessoa que se aceita do jeito que é (Beyoncé).

Tipo, as pessoas negras têm dificuldades por serem negras, porque os brancos julgam, cometem racismo, e os brancos sempre têm mais do que os negros, os negros têm menos direitos, mas nós somos fortes (Iza).

É a pessoa que tem a pele mais escura, mas, para ser negra, não precisa apenas ter a cor da pele, a pessoa ter que se sentir negra e ter orgulho de seus antepassados (Rihanna).

Em cada uma das falas, pode ser encontrado um retrato do afeto que envolve ser negra e a presença da aceitação, do amor-próprio, da resistência, da resiliência, da ancestralidade, da cultura e do orgulho da população negra e das tradições dela. Cada uma se posicionou não apenas de forma positiva ao se encontrar como negra, mas demonstrou, na tonalidade da voz e na escrita,

que realmente tinha certeza do que dizia. Ser negra, para todas, não se mostrou um fardo, e sim orgulho.

Ainda em relação à construção do sentimento de pertencimento negro, perguntamos às meninas: para você, o que é um quilombola? Três participantes responderam sucintamente: “sei não”. As outras três, por outro lado, mesmo com alguma dificuldade, tentaram expressar o que acreditam ser um quilombola:

Quilombola? [Silêncio durante alguns segundos]. Quilombola é ser unido com todos e lutar (Beyoncé).

Ainda não sei, só um pouco... eu acho que ser quilombola é lutar pelos nossos direitos e enfrentar vários obstáculos (Iza).

Pessoas que moram em um quilombo ou pessoas que se consideram quilombolas. Acho que, para ser um quilombola, não precisa necessariamente ter morado em um quilombo (Rihanna).

As respostas apresentadas se conflitaram quando as entrevistadas foram questionadas se elas se consideram quilombolas: todas afirmaram que sim. A impressão, ao ouvir e ao ler os discursos das participantes, é que elas estavam afirmando algo naquele momento, mas que não tinham construção identitária em relação a elas mesmas, diferentemente de quando perguntadas se eram negras.

Isso se deve, pois as meninas não perpassaram os momentos de luta coletiva da comunidade em defesa da terra e das formas de vida que existem naquela localidade. Portanto, ainda não desenvolveram o vínculo direto com a terra, para que houvesse o desenvolvimento da identidade quilombola em concomitância com a ideologia territorial, assim como afirma Bonnemaïson (1980).

Segundo Bonnemaïson (1980, p. 6), na “sociedade tradicional, a terra é aquilo que dá identidade, o estatuto social e o leque de poderes políticos e mágicos aos seres humanos”. Em outras palavras, o território é o elo sagrado das formas de vida e da existência na terra. Por isso, não há, nos discursos produzidos, uma afirmação concisa do que é um quilombola ou a firmeza de que elas assim o são.

Em seguida, questionamos às entrevistadas: já passou por algum tipo de preconceito ou bullying por essas razões (ser negra e quilombola)? Quatro afirmaram que não, mas duas apresentaram discursos marcados por memórias que, novamente, envolvem ações racistas:

Já, já. Foi muito ruim. Foi na escola... a faxineira estava no banheiro, aí ela chegou e começou a mexer no meu cabelo e a falar mal de mim. Perguntava se era ruim, se era duro. Ai, eu vou falar a verdade, eu contei para minha professora. [Pesquisadora: e a sua professora falou o quê?]. Ela [a professora] disse que ia conversar com ela [a faxineira]. Depois, eu não sei se conversou, não sei. [Pesquisadora: mas ela parou? Ela te pediu desculpas?]. Parou, pediu sim (Beyoncé).

Sim [deu ênfase]. Passo por isso sempre, principalmente na escola. [Entrevistadora: como é para você quando acontece?]. É horrível, eu me sinto muito mal quando isso acontece. [Entrevistadora: o que você faz quando acontece? Você conta para alguém? Reclama com quem faz isso com você? Se é na escola, você conta para diretora?]. Eu prefiro ficar calada, porque não adianta nada falar, eles não fazem nada à respeito (Iza).

A sensação de impunidade em relação às pessoas que cometem quaisquer tipos de atos racistas é uma constante em nosso país. Segundo dados apresentados por uma pesquisa feita pelo canal GloboNews em 2017, desde 1988, quando a Constituição Federal foi promulgada e explícita que o racismo é crime, apenas 244 processos de racismo e injúria racial foram julgados no estado do Rio de Janeiro: dos 244 processos julgados, quase 40% foram considerados improcedentes pela Justiça na área cível e, em 24% dos casos, os réus foram absolvidos⁸. De acordo com Munanga (2005, p. 9):

O racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e por extensão no sistema escolar é importantíssima.

Apesar do histórico de impunidade do racismo no Brasil, ainda temos a possibilidade de evidenciar e tencionar as ações racistas, a fim de que elas sejam cada vez mais condenadas socialmente e que a construção dos direitos sociais coletivos ocorra não somente como direito legal, mas também como direito real.

Considerações Finais

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. (Angela Davis)

Tendo em vista o objetivo proposto, que é o de investigar o processo de construção identitária das meninas quilombolas da Escola Municipal Araçá-Cariacá, concluímos que as identidades são construídas de forma múltipla e em diálogos constantes entre as subjetividades pessoais e o contexto em que o sujeito está inserido. As identidades, enquanto construções mutáveis, são propiciadas por um conjunto de identidades singulares que se unem e formam um “eu” singular.

As identidades de gênero, etnia, classe social, política, religiosa e cultural são construções coletivas de uma determinada população em um determinado espaço-temporal. Elas alimentam o sistema social e por ele são alimentadas, o que suscita a construção, em contrapartida, das identidades pessoais. Todos sofrem as influências do meio e, a partir dessas influências, reagem a ele, possibilitando, assim, tensões sociais e chances de transformação.

Na sociedade brasileira, a qual tem o racismo como fonte estrutural das próprias práticas sociais, os subprodutos do racismo, incluindo a segregação, o preconceito e a discriminação, são naturalizados diariamente pela população que é beneficiada por essa estrutura. Todavia, o avanço das discussões que envolvem a desmistificação do discurso da democracia racial e da ideologia do branqueamento trouxe avanços políticos relevantes, para que haja a melhor explicitação das identidades negras.

Além do racismo, as sociedades camponesas negras sofrem com a discriminação em consequência da comparação com as organizações espaciais urbanas. Elas têm a negação constante das formas de vida por não responderem diretamente a lógica do capital na construção do contato com a terra. O território é mais que uma propriedade para a produção de sustento para a vida: ele é a própria vida, é o espaço geográfico da ancestralidade, das relações culturais, do cultivo, do afeto e da memória. É o espaço da história.

Considerando os percalços produzidos pelas diversas violências que as protagonistas desta pesquisa nos apresentaram, acreditamos que as identidades delas têm, na compreensão positiva do que é ser negra, a possibilidade de modificação dos estigmas sociais praticados diariamente. Ser negra e se descobrir como negra é um processo contínuo e processual, o qual necessita ser reafirmado todos os dias durante toda a trajetória da vida de mulheres negras. A anulação da identidade da mulher negra é um dos efeitos mais cruéis que o racismo, no Estado patriarcal,

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/em-30-anos- apenas-244-processos-de-racismo-e-injuria-racial-chegaram-ao-fim-no-rj. ghtml>. Acesso em: 22 mar. 2022

desenvolve. Todavia, ao se movimentarem, as mulheres negras ressignificam vivências, sororizam⁹ as iguais e, principalmente, movimentam as estruturas sociais.

É necessário salientar que não foi objetivo desta pesquisa expor nenhum tipo de julgamento aos discursos das participantes da pesquisa ou exibir padrões de vivências negras. Cada sujeito constrói as vivências individuais e, por isso, a multiplicidade e a complexidade da população é bela. Gratidão a cada uma das participantes da pesquisa, primeiramente, por concordarem em fazer as entrevistas, por serem tão gentis e construírem reflexões tão importantes. Agradecimentos também são direcionados à escola Araçá-Cariacá e aos pais das participantes pelo contato e realização desta pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDREWS, George Reid. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. **Lua Nova**, São Paulo, v. 2, n. 1, 1985.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites. Século XIX.** Rio de Janeiro: Annablume, 2004.

BONNEMAISON, Joël. Espace géographique et identité culturelle en Vanuatu (exNouvellesHébrides). **Journal de la Société des Océanistes**, n. 68, p. 181-188, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 22 mar. 2022.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

COMO é transmitido? **Ministério da Saúde**, 12 maio 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-e-transmitido#:~:text=A%20transmiss%C3%A3o%20por%20got%C3%ADculas%20C3%A9,metro%20de%20dist%C3%A2ncia%20da%20outra>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarcal.** Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUARESCHI, Neuza *et al.* As relações raciais na construção das identidades. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 2, p. 55-64, 2002.

⁹ Verbo não pertencente à norma-padrão da língua portuguesa. Significa empatia, expressão e união do universo feminino.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**, v. 3, p. 33-46, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania. **Revista Movimento**, Rio de Janeiro, n. 12, 2005.

NOGUEIRA, Fábio. Governo Temer como restauração colonialista. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 9 jan. 2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/governo-temer-como-restauracao-colonialista/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. São Paulo: Saraiva, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA. **Me gritaram negra, poema de Victoria Santa Cruz**. Disponível em: feminismo.org.br/me-gritaram-negra-poema-de-victoria-santa-cruz/. Acesso em: 21 mar. 2022.

Recebido em 25 de março de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.